



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EPIDEMIOLOGIA

**TESE DE DOUTORADO**  
**O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ANTES OU DURANTE O SEXO**  
**E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE SEXUAL DE MULHERES**  
**TRANSEXUAIS E TRAVESTIS**

RAFAEL STEFFENS MARTINS

Orientadora: Profa. Dra. DANIELA RIVA KNAUTH

Porto Alegre, outubro de 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EPIDEMIOLOGIA

**TESE DE DOUTORADO**

**O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ANTES OU DURANTE O SEXO  
E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE SEXUAL DE MULHERES  
TRANSEXUAIS E TRAVESTIS**

RAFAEL STEFFENS MARTINS

**Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth**

A apresentação desta tese é exigência do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutor.

Porto Alegre, Brasil.  
2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Martins, Rafael Steffens

O uso de substâncias psicoativas antes ou durante o sexo e suas implicações na saúde sexual de mulheres transexuais travestis / Rafael Steffens Martins. -- 2024.

77 f.

Orientadora: Daniela Riva Knauth.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Epidemiologia. 2. Substâncias psicoativas. 3. Abuso sexual. 4. Mulher transexual. 5. Preservativos. I. Knauth, Daniela Riva, orient. II. Título.



## **BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Andréa Fachel Leal, Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa. Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Ciências Sociais, e Ciências Medicina e Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Profa. Dra. Daniela Riva Knauth, Departamento de Medicina Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Maria Amélia de Sousa Mascena Veras, Departamento de Medicina Social, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

*Para Priscila, sempre presente nos detalhes*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os amigos, colegas e professores que acompanharam essa longa jornada. Em especial às minhas professoras orientadoras, Dra. Daniela Riva Knauth, Dra. Andréa Fachel Leal e Dra. Luciana Barcellos Teixeira, por toda a confiança, parceria e respeito ao longo dos anos.

## SUMÁRIO

<b>ABREVIATURAS E SIGLAS</b>	<b>8</b>
<b>RESUMO</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>10</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>13</b>
MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS	14
CHEMSEX E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	19
CHEMSEX ENTRE MULHERES TRANS	22
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>28</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>36</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>36</b>
<b>ARTIGOS</b>	<b>40</b>
ARTIGO 1	40
ARTIGO 2	58
<b>CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>71</b>



## ABREVIATURAS E SIGLAS

Aids - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

AM - Amazonas

BA - Bahia

CFM - Conselho Federal de Medicina

GBL - Gama-butiloractona

GHB - Ácido gama-hidroxibutírico

HIV - Vírus da imunodeficiência humana

HSH - Homens que fazem sexo com homens

IST - Infecções sexualmente transmissíveis

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

TWT - Transgender women and *travestis*

MS - Mato Grosso do Sul

OR - Odds Ratio

PR - Prevalence Ratio

RDS - Respondent Driven-Sampling

RS - Rio Grande do Sul

SDU - Sexualised drug use

SP - São Paulo

STI - Sexually transmitted infections

## RESUMO

**Introdução:** Mulheres trans e travestis (TWT) apresentam alta prevalência de uso de substâncias psicoativas em comparação à população geral, resultando em diversos desfechos negativos para a saúde. Esse uso pode ocorrer de forma geral ou em contextos específicos, como antes ou durante o sexo, incluindo em práticas de chemsex, que têm sido amplamente estudadas em populações de homens que fazem sexo com homens. **Objetivo:** Investigar o uso de maconha, crack e cocaína antes ou durante o sexo entre mulheres trans e travestis no Brasil. **Métodos:** Foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema e dois artigos foram elaborados com base nos dados do estudo TransOdara (2019-2021), que utilizou amostragem Respondent-Driven Sampling (RDS) em cinco regiões do Brasil. A amostra final do estudo incluiu 1.317 TWT, que responderam a um questionário contendo perguntas sociodemográficas, experiências de violência e uso de substâncias psicoativas. Análises descritivas e regressões de Poisson foram aplicadas para avaliar a associação entre o uso de substâncias antes ou durante o sexo e o uso inconsistente de preservativos, além de histórico de abuso ou tentativa de abuso sexual. **Resultados:** O uso de cocaína (RPa: 1,39; IC95% 1,15 – 1,67) e crack (RPa: 1,42; IC 95% 1,03 – 1,94) antes ou durante o sexo esteve associado a uma maior prevalência de uso inconsistente de preservativo entre parceiros casuais. Além disso, o uso de substâncias antes ou durante o sexo foi mais prevalente entre as participantes que relataram histórico de abuso sexual (RPa: 1,18; IC95% 1,02 - 1,36) e sexo comercial (RPa: 2,00; IC95% 1,58 - 2,52). **Conclusão:** Os achados ressaltam a necessidade de ações integradas em saúde e direitos humanos, além de estratégias personalizadas de redução de danos que considerem o contexto do uso de substâncias psicoativas.

## ABSTRACT

**Introduction:** Transgender women and travestis (TWT) have a high prevalence of psychoactive substance use compared to the general population, resulting in various negative health outcomes. This use can occur generally or in specific contexts, such as before or during sex, including in chemsex practices, which have been extensively studied in populations of men who have sex with men. **Objective:** To investigate the use of marijuana, crack, and cocaine before or during sex among trans women and travestis in Brazil. **Methods:** A literature review on the topic was conducted, and two articles were developed based on data from the TransOdara study (2019-2021), which utilized Respondent-Driven Sampling (RDS) in five regions of Brazil. The final study sample included 1,317 TWT, who answered a questionnaire containing sociodemographic questions, experiences of violence, and substance use. Descriptive analyses and Poisson regressions were applied to evaluate the association between substance use before or during sex and inconsistent condom use, as well as history of abuse or attempted sexual abuse. **Results:** The use of cocaine (aPR: 1.39; 95% CI 1.15 – 1.67) and crack (aPR: 1.42; 95% CI 1.03 – 1.94) before or during sex was associated with a higher prevalence of inconsistent condom use among casual partners. Additionally, substance use before or during sex was more prevalent among participants who reported a history of sexual abuse (aPR: 1.18; 95% CI 1.02 - 1.36) and commercial sex work (aPR: 2.00; 95% CI 1.58 - 2.52). **Conclusion:** The findings highlight the need for integrated actions in health and human rights, as well as personalized harm reduction strategies that consider the context of psychoactive substance use.

## **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho consiste na tese de doutorado intitulada “O uso de substâncias psicoativas antes ou durante o sexo e suas implicações na saúde sexual de mulheres transexuais e travestis”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 11 de outubro de 2024. O trabalho é apresentado em três partes, na ordem que segue:

1. Introdução, Revisão da Literatura e Objetivos
2. Metodologia e apresentação de dois manuscritos;
3. Conclusões e Considerações Finais.

Documentos de apoio estão apresentados nos anexos.

## INTRODUÇÃO

Mulheres transexuais e travestis são pessoas que se identificam com o gênero feminino, embora tenham sido designadas como pertencendo ao sexo masculino ao nascer. Essas pessoas enfrentam uma variedade de desafios decorrentes de obstáculos sociais, discriminação e estigmatização, contribuindo para a marginalização dessa população. Muitas vezes, esse processo de exclusão tem início já na infância e no ambiente familiar. Como resultado, mulheres transexuais e travestis apresentam, em comparação com a população geral, diversas desigualdades sociais e de saúde ao longo da vida, como maior exposição à violência e abuso sexual, maior risco de infecções sexualmente transmissíveis (IST), problemas de saúde mental, suicídio e limitações de acesso a serviços de saúde (HOFFMANN, 2014).

Outro fator desproporcionalmente maior nessa população é a prevalência de uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas em comparação com pessoas cisgênero, ou seja, aquelas que possuem uma correspondência entre o sexo atribuído e a identidade de gênero (CONOLLY, 2020). Um estudo com mulheres transexuais nos Estados Unidos indicou uma prevalência de uso de álcool em 88%, maconha em 63% e cocaína em 30% (WILSON, 2009). Na população brasileira, a prevalência estimada dessas substâncias entre homens cis é de 74,3% para álcool, 12% para maconha e 5% para cocaína. Entre as mulheres cis, a prevalência de álcool, maconha e cocaína estimada foi de, respectivamente, 59%, 3,7% e 1,3% (BASTOS, 2017). Essa maior prevalência no uso de substâncias, como álcool e substâncias psicoativas ilícitas, entre mulheres transexuais e travestis é identificada como um dos vários fatores que contribuem para um aumento do risco de IST, já que o abuso de álcool e outras substâncias psicoativas pode estar associado a práticas sexuais desprotegidas. Os efeitos do uso de substâncias, causando aumento da euforia, desinibição e esquecimento, podem levar a um maior risco de práticas sexuais sem o uso de proteção, como o preservativo, bem como a um maior número de parcerias sexuais. Além disso, a prática de sexo comercial, frequentemente observada entre mulheres trans e travestis (HERBST, 2008), pode estar associada ao uso de substâncias, seja de forma geral ou especificamente para o sexo.

O termo "*chemsex*", ou simplesmente o uso de substâncias para atividades

sexuais, ganhou destaque recentemente em pesquisas que buscam entender os efeitos dessa prática na saúde. Grande parte dos estudos são realizados em países como Holanda, Bélgica, Reino Unido e Estados Unidos, e associam essa prática ao uso de substâncias sintéticas, como metanfetaminas. Poucos estudos exploram o uso de outras substâncias psicoativas ilícitas, especialmente no contexto brasileiro. O fenômeno do *chemsex* é suscetível a variações que podem estar associadas à popularidade e acessibilidade de certas substâncias em diferentes países, grupos populacionais e culturas ao longo do tempo.

Estudos relacionados ao uso de substâncias para atividades sexuais são principalmente com homens que fazem sexo com homens (HSH). De fato, na literatura o *chemsex* parece ser muito mais comum em homens gays em comparação a homens heterossexuais e também mais comum em mulheres bissexuais em comparação com mulheres heterossexuais. No entanto, poucos estudos investigam o efeito dessas práticas em amostras de mulheres transexuais e travestis.

Os desafios sobre o tema de uso de substâncias psicoativas nessa população vão além: muitas vezes, as próprias estimativas de uso de drogas, que já são escassas na literatura se comparadas com as estimativas apresentadas entre HSH, são apresentadas sem discriminar o tipo de substâncias, o contexto de uso da substâncias, e até mesmo a população que usa, apresentando estimativas de uso de drogas entre pessoas trans no geral (sejam homens ou mulheres) ou até mesmo junto com estimativas de outras minorias de identidade de gênero e sexualidade, como homens gays.

Além disso, o contexto brasileiro apresenta vulnerabilidade específicas relacionadas a identidades próprias de gênero, como é o caso das mulheres travestis. Nesse sentido, buscamos apresentar o contexto de uso de substâncias, bem como suas vulnerabilidades, implicações e, antes de tudo, uma fundamentação do conceito de gênero e suas identidades.

## REVISÃO DE LITERATURA

### MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS

Os estudos que discutem o conceito de gênero surgem por volta dos anos de 1970 procurando refletir sobre as explicações sociais e culturais das identidades subjetivas de homens e mulheres na sociedade (SCOTT, 1995). Para Scott (1995), gênero é uma categoria historicamente determinada que não apenas se constroi sobre a diferença entre os sexos, mas também serve para dar significado a esta diferença, focando em explicações que vão além do biológico e abrangendo não só ideias, mas também as instituições, práticas e rituais que moldam as relações sociais (GROSSI, 1998; SCOTT, 1995). O conceito de gênero, para Grossi (1998), difere-se de sexo (ou seja, macho e fêmea), uma vez que o gênero dá significado à identidade social (homem e mulher) dos indivíduos de uma sociedade, que performam um papel de gênero culturalmente construído. Papel, neste contexto, refere-se à representação de um personagem, como em uma peça de teatro (GROSSI, 1998). Em outras palavras, de acordo com o sexo biológico observado, espera-se a performance de comportamentos e concepções correspondente para homens e mulheres, sendo que estes papéis são culturalmente construídos e podem variar de acordo com as culturas de cada região.

Nas sociedades ocidentais, esses papéis de gênero são muitas vezes performados de maneiras opostas, sendo o que o papel feminino apresenta uma posição mais passiva, delicada, sensível e vulnerável, enquanto o papel masculino acaba desenvolvendo características opostas: mais dominantes, de força e protagonismo (BUTLER, 2018; BOURDIEU, 1999).

Essa determinação binária de gênero pode impactar em diferenças sociais tanto para homens quanto para mulheres, ultrapassando os limites das justificativas biológicas também para desigualdades em indicadores de saúde. Homens, por exemplo, tendem a apresentar menor expectativa de vida e mais óbitos por acidentes de trânsito e suicídio do que mulheres. Elas, por sua vez, apresentam maior prevalência de violência doméstica em comparação aos homens. Ambas as diferenças podem estar associadas à dicotomia no perfil de gênero, onde homens e

mulheres culturalmente performam características como, respectivamente, forte/fraco, ativo/passivo, dominante/dominado (BUTLER, 2018; KRIEGER, 2011).

Em uma crítica ao modelo binário de pensar o gênero, que acaba por substanciá-lo, Butler (2018) propõe as ideias de fluidez e performatividade de gênero. A partir destas concepções a autora pretende quebrar com qualquer essência do sexo ou do gênero, defendendo que, a partir das normas e expectativas sociais o gênero é encenado, resultando na construção de uma identidade de gênero, que por sua vez também é fluída.

Para Stoller (1978), cada indivíduo possui uma identidade de gênero, que consiste em um conjunto de convicções sobre como a pessoa se identifica perante à sociedade - no geral, de forma dicotômica: homem ou mulher. O autor foi um dos percursores da discussão de identidade de gênero, defendendo uma visão mais psicanalítica da construção dessa identidade, que ocorre, segundo ele, durante o processo de socialização, a partir do momento em que o bebê é rotulado como menino ou menina, sendo a ele designado um conjunto de características de acordo com o sexo de nascimento. Essa rotulação pode acontecer até mesmo antes do nascimento do bebê, uma vez que, ao descobrir o sexo da criança, já é atribuído um nome que corresponde ao gênero percebido. A partir desse momento, espera-se socialmente que a criança adote comportamentos condizentes com o seu gênero atribuído (GROSSI, 1998). Já para Butler (2018), essa identidade que pode parecer ser algo sólido e estável, na verdade é fluída e sujeita a novas representações ao longo da trajetória de cada indivíduo.

Essas características que devem ser performadas de acordo com o sexo de nascimento, também geram certa cobrança social aos indivíduos que devem se adequar à forma considerada correta e correspondente aos padrões sociais exigidos. Pessoas que não se identificam com as características esperadas pela sociedade, costumam ultrapassar as barreiras sociais do que é considerado o correto de acordo com o sexo do nascimento, enfrentando diversas formas de estigma e discriminação. Um exemplo de identidade de gênero que foge desse padrão cisnormativo de gênero designado ao nascimento é o caso das mulheres transexuais e travestis, ou seja, pessoas que foram designadas como pertencendo ao gênero masculino no momento do nascimento, mas que se identificam com características do gênero feminino. Essa



identificação com o feminino costuma ser expressa de diversas formas, que vão desde o uso de maquiagem, roupas, acessórios e cabelos longos até a utilização de hormônios e procedimentos cirúrgicos, como implantes mamários, redesignação genital e procedimentos para modificar o contorno do rosto, bochechas, sobrancelhas, etc. (HOFFMAN, 2014).

Além do termo “mulheres transexuais”, a identidade de gênero “travesti”, muito utilizada no Brasil, começa a ser reconhecida após o fortalecimento desse grupo no âmbito do movimento de homens homossexuais, quando é aprofundada as diferentes noções de identidade de gênero e orientação sexual. Dessa forma, o reconhecimento da categoria identitária "travesti" no Brasil é relativamente mais moderna do que a categoria "homossexual", ascendendo durante as transformações pelas quais passa a categoria "homossexual" ao longo do século XX, quando "gays", de um lado, e "travestis", de outro, são entendidas como identidades diferentes - enquanto uma está relacionada à características de identidade de gênero, outra se detém à orientação sexual (CARVALHO, 2013). Essa imagem de identidade “travesti” foi construída no imaginário popular brasileiro repleta de estigmas e discriminação, sobretudo porque, além do preconceito relacionado à não conformidade aos padrões de gênero, durante os anos 70, houve um rápido aumento no número de travestis nas ruas de grandes metrópoles brasileiras, envolvidas na maioria das vezes com atividades de sexo comercial e criminalidade (GREEN 2000; CARVALHO, 2013; OLIVEIRA, 2014).

Por outro lado, o surgimento do debate público sobre transexualidade e a possível construção da categoria "transexual" como uma identidade distinta da de "travesti" parecem ser muito mais recentes, surgindo entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, marcando também que ambas as identidades têm diferenças geracionais (CARVALHO, 2013). O contexto que contribuiu para a formação da categoria "transexual" como uma identidade política distinta da "travesti" também teve influência na mudança da percepção médica e psiquiátrica sobre a identidade de gênero como não sendo associada à uma doença de personalidade e devido à oferta das cirurgias de redesignação genital em serviços de saúde. Em 1997, essas cirurgias começaram a ser realizadas experimentalmente e de forma gradual em alguns hospitais universitários do país, conforme estipulado pela Resolução 1482/97 do

Conselho Federal de Medicina (CFM), contribuindo com a consolidação da identidade transexual como distinta da identidade travesti (GREEN 2000; CARVALHO, 2013; OLIVEIRA, 2014).

Essa distinção no âmbito político ocorreu, segundo Carvalho (2013), porque as organizações de travestis se destacavam como grupo ao denunciar a violência policial e demandar atenção do Estado perante a ascensão dos casos de Aids no Brasil. Já as organizações de transexuais emergiram das relações entre pessoas que buscavam compreender o "fenômeno da transexualidade" e demandam políticas para acesso às tecnologias médicas, especialmente aquelas relacionadas à redesignação genital. Essa busca por compreensão de certa forma também foi facilitada pelo maior nível de escolaridade das pessoas transexuais em comparação com as travestis na época (CARVALHO, 2013). Apesar das diferenças políticas e históricas relacionadas às diferentes identidades, tanto mulheres transexuais quanto travestis apresentam diferenças em saúde importantes se comparadas à população geral.

Dados de um estudo com travestis no Brasil apontou para um perfil de mulheres que possuem baixa escolaridade e que pertencem a classes sociais mais vulneráveis, além de relatarem serem vítimas de diversas formas de violência, incluindo sexual (MARTINS, 2013). Nesse mesmo estudo, também foram identificados relatos de início precoce nas atividade sexual (75% delas com menos de 14 anos), múltiplos parceiros sexuais, sexo desprotegido, alta prevalência de sexo comercial (em 82% da amostra, sendo que 59% tiveram mais de 10 parceiros nos últimos seis meses) e uso de substâncias psicoativas durante o sexo em aproximadamente 43% da amostra. Além disso, cerca de 12% relataram resultado positivo prévio para HIV.

Por se tratar de uma categoria de gênero associada à realidade brasileira e da América Latina, os estudos com travestis frequentemente se limitam ao cenário nacional. Já a categoria transexual, por outro lado, é discutida em estudos internacionais, que inclusive incluem amostras no Brasil.

Um exemplo de estudo dessa natureza é a meta-análise de Baral (2013), que indica uma prevalência global de HIV de aproximadamente 19,1% (IC 95%: 17,4-20,7) entre uma amostra de 11.066 mulheres transexuais em todo o mundo, apontando para um cenário epidemiológico alarmante no caso do HIV e outras IST

nessa população. A mesma meta-análise mostrou que a situação epidemiológica do HIV entre mulheres trans é ainda mais agravante na América Latina e no contexto brasileiro, onde a estimativa de prevalência é de 33,07% (IC 95% 28,72-39,42).

Essa diferença desproporcional na prevalência de HIV e outras IST entre mulheres transexuais e travestis em comparação à população geral pode ser explicada por diversos fatores. Elas encaram uma série de desafios psicossociais, incluindo discriminação, estigmatização e marginalização. Essas dificuldades, frequentemente, restringem suas oportunidades econômicas, têm impacto na saúde mental e podem aumentar o risco de infecção pelo HIV e outras IST.

Essa população se destaca negativamente em diversos desfechos em saúde, mesmo quando comparada com outras minorias sexuais e de gênero. No quesito de saúde mental, por exemplo, um estudo com homens e mulheres trans demonstrou que, em comparação a outras minorias sexuais cisgênero (como homens gays e bissexuais), pessoas trans relataram mais chance de ideação suicida (OR = 3,32,  $p < 0,001$ ), planejamento de suicídio (OR = 2,42,  $p < 0,001$ ) e tentativa de suicídio nos últimos 6 meses (OR = 3,99,  $p < 0,05$ ) (NEWCOMB, 2020). O mesmo estudo também avaliou o histórico de abuso na infância, demonstrando que mulheres trans, em comparação a homens trans, têm maior histórico de abuso sexual na infância antes dos 13 anos, entre os 13 e 17 anos e em toda a vida, incluindo violência sem e com penetração. Outro estudo reportou uma prevalência de abusos e violência sexual de 59% (CLEMENTS-NOLLE et al., 2006). Outro estudo nacional abordou a alta prevalência de uso de substâncias psicoativas no contexto do sexo, como álcool (53,6%), maconha (36,4%) e outras drogas estimulantes (32,9%). Além disso, o estudo demonstrou que cerca de 20% da amostra já sofreu algum tipo de violência sexual, o que esteve associado com sintomas de depressão e ansiedade (Reis, 2021).

Além de abuso e saúde mental, a literatura também aponta como fatores de risco específicos para infecção pelo HIV na população de mulheres transexuais e travestis: o compartilhamento de agulhas, inclusive para hormonização; comportamentos sexuais de alto risco; alta prevalência de envolvimento em sexual comercial; acesso limitado aos serviços de saúde; falta de conhecimento sobre a transmissão do HIV; experiências de violência, estigma e discriminação (SANTHIS, 2009). Além disso, o abuso de substâncias também aparece na literatura como sendo

um fator de risco importante para o uso inconsistente de preservativo e, por consequência, para maior vulnerabilidade perante às IST (SANTHIS, 2009; HOFFMAN, 2014).

## **CHEMSEX E O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**

Ao investigar os fatores de risco para IST, o uso de substâncias tem sido abordado em vários estudos, envolvendo diversas populações, como jovens (PARKES, HENDERSON, 2007), homens que fazem sexo com homens (PIERSALA et al., 2020) e até mesmo mulheres trans (AVILA et al., 2017), sendo frequentemente associado a desfechos negativos relacionados à saúde sexual. No entanto, é comum que a literatura não leve em consideração as circunstâncias específicas em que as substâncias foram utilizadas pelos indivíduos (LEIGH, STALL, 1993). Por exemplo, uma das formas de consumo pode ocorrer especificamente antes ou durante as relações sexuais.

Sabe-se que o uso de substâncias psicoativas em contextos sexuais, ou *sexualised drug use* (SDU), em inglês, tem potenciais implicações para a saúde pública. Esse não é um tema novo na literatura e já possui evidências associando a sua prática a comportamentos sexuais de maior risco (EDMUNDSON, 2018). No entanto, apesar de não ser um tema novo, evidências recentes indicam que essa prática vem aumentando, especialmente em países de alta renda (SCHMIDT, 2016; MAXWELL, 2019).

O *chemsex* nada mais é que o uso de substâncias psicoativas específicas antes ou durante encontros planejados para facilitar, iniciar, prolongar, sustentar e intensificar a experiência sexual (HIBBERT, 2019). Esse termo difere-se do SDU, pois está, na maioria das vezes, relacionado a algumas substâncias sintéticas específicas, como metanfetamina, ácido gama-hidroxi-butírico (GHB) e gama-butirolactona (GBL), embora outros estudos também relacionam o *chemsex* com o uso de cocaína, ketamina e outras substâncias (MAXWELL, 2019). Apesar do conceito de *chemsex* nascer de uma prática de uso de substâncias sintéticas de forma recreativa para prolongar as experiências sexuais, o termo é usado em diferentes

contextos e aparece na literatura sujeito a mudanças quanto às preferências dos participantes, à popularidade e disponibilidade de drogas específicas, podendo variar de acordo com o país e cultura ao longo do tempo (MAXWELL, 2019). Em outras palavras, embora não haja um consenso claro sobre a definição de *chemsex* na literatura, e especialmente em relação às drogas associadas a essa prática, indivíduos participam de várias formas de uso de substâncias que incluem o que é reconhecido como *chemsex*, além de outras formas de SDU (HIBBERT, 2019).

Uma revisão da literatura sobre o tema demonstrou que os participantes de *chemsex* têm expectativas de que as drogas afetam positivamente seus encontros sexuais, sendo que alguns grupos em particular, como os HSH vivendo com HIV, têm mais probabilidade de se envolver nessa prática em comparação a HSH HIV negativos (MAXWELL, 2019). Além disso, os participantes com práticas de *chemsex* possuíam maior probabilidade de se envolver em relações sexuais anais sem preservativo em comparação a homens que não praticam *chemsex*, aumentando ainda mais o risco de transmissão do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (HOFFMANN, 2014). Uma revisão da literatura avaliando pesquisas com HSH também demonstrou que essa população apresenta uma maior prevalência de *chemsex* em relação à população geral, sobretudo se analisados HSH vivendo com HIV e que trabalham com sexo comercial (WANG, 2023).

Nos últimos anos, as pesquisas que tratam dessa temática têm sido conduzidas principalmente em países ocidentais, especialmente nos Estados Unidos, Reino Unido e Europa. No entanto, essa prática também tem sido observada em outras regiões do globo, inclusive com revisões sistemáticas de estudos da Ásia (WANG, 2023). A revisão da literatura de Hibbert (2019) aponta que o principal delineamento epidemiológico utilizado nas pesquisas sobre a temática de *chemsex* é o transversal, tornando mais complexa a inferência de causalidade ao investigar a relação do uso de substâncias e desfechos relacionados à saúde sexual.

A associação em estudos transversais, segundo Leigh e Stall (1993), entre o uso de substância e características de comportamentos sexuais, como maior número de relações sexuais, não necessariamente indica uma relação entre o uso de substâncias e uma maior prática sexual de risco, uma vez que, segundo os autores, o uso de álcool e outras substâncias psicoativas podem estar associado com um maior

número de parcerias sexuais, mas não necessariamente ao maior risco de sexo desprotegido. Nesse sentido, Leigh e Stall (1993), revisaram diferentes estudos sobre o tema e avaliaram três diferentes formas de investigar o uso de substâncias em pesquisas que estão presentes na literatura.

Em primeiro lugar, os autores abordam em sua revisão estudos que incluíram medidas para avaliar especificamente o sexo de maior risco de forma geral e o uso de drogas. Nestes estudos, os entrevistados foram questionados sobre a frequência com que se envolviam em práticas sexuais de alto risco e sobre a frequência geral de consumo de álcool ou drogas. A maior parte desses estudos analisados pelos autores mostrou que pessoas que consomem álcool ou drogas com mais frequência tendem a ter mais parceiros sexuais e a usar preservativos de forma menos consistente. No entanto, esses estudos são incapazes de demonstrar se o uso de substâncias tem um efeito direto e causal no comportamento sexual de risco, uma vez que o uso de substâncias e o comportamento sexual foram avaliados de forma separada. Nesse sentido, para os autores, é possível que um usuário de substâncias tenha se envolvido em relações sexuais de maior risco em ocasiões em que não estava utilizando tais substâncias.

Outros estudos revisados por Leigh e Stall (1993) já procuram avaliar o comportamento sexual e uso de substâncias também em blocos de perguntas distintos, mas delimitando um mesmo período (por exemplo, perguntando: com que frequência você consumiu álcool e outras drogas antes do sexo no último ano? E com que frequência você teve relações sexuais desprotegidas nesse mesmo ano?). Para os autores, essa forma de mensuração também traz limitações, pois não garante que o uso de substâncias e o sexo de risco ocorreram na mesma ocasião, dificultando inferências de relações causais.

Por fim, os autores revisam ainda artigos que se dedicam a investigar o uso de drogas e comportamento sexual em eventos sexuais específicos, buscando informações detalhadas sobre a última vez que o participante se envolveu em atividades sexuais sob o uso de substâncias, incluindo o uso de preservativos e possibilitando uma comparação mais precisa entre eventos em que foram utilizadas substâncias antes ou durante o sexo em comparação a relações sexuais sem o uso de substâncias psicoativas (LEIGH, STALL, 1993).

## CHEMSEX ENTRE MULHERES TRANS

Ao avaliar o uso de substâncias antes ou durante o sexo, Hibbert (2021), em sua revisão sistemática sobre o tema, identificou que dos 75 estudos incluídos e que abrangeram 55 países, 71 pesquisaram HSH e apenas 4 pesquisaram mulheres trans. Apesar de muitas vezes a prática de substâncias antes do sexo ser mencionada como comum entre a população LGBT na literatura, poucos são os estudos que se propoem a discutir sobre essa prática entre mulheres trans, e se o *chemsex* está associado aos mesmos desfechos apresentados nos estudos com amostras de HSH.

Ao avaliar o uso de substâncias de forma geral entre mulheres trans, o estudo de Wilson (2009) indicou uma prevalência de uso de álcool em 88%, maconha em 63% e cocaína em 30% na vida nos Estados Unidos. Na população brasileira, a prevalência estimada dessas substâncias entre homens cis é de 74,3% para álcool, 12% para maconha e 5% para cocaína. Entre as mulheres cis, a prevalência de álcool, maconha e cocaína estimada foi de, respectivamente, 59%, 3,7% e 1,3%. (BASTOS, 2017).

Outro estudo desenvolvido nos Estados Unidos comparou grupos de pessoas transexuais com cisgênero para avaliar diferenças no uso de substâncias entre os grupos. Foram encontradas diferenças significativas na prevalência de transtornos relacionados ao uso de nicotina (2594 [16,6%] vs 2551 [5,4%];  $P < .001$ ), álcool (401 [2,6%] vs 438 [0,9%];  $P < 0,001$ ) e outras drogas (678 [4,3%] vs 549 [1,2%];  $p < 0,001$ ). Entre os adultos transexuais, a maconha foi a droga mais prevalente para transtornos relacionados ao uso (321 [2,1%]), seguida por transtornos relacionados ao uso de opioides (205 [1,3%]) e cocaína (81 [0,5%]) (HUGHTON et al., 2021). A alta prevalência de uso de substâncias, seja de forma geral ou para o sexo, entre mulheres trans tem uma relação estreita com a alta prevalência de HIV/IST, sexo comercial e sintomas de saúde mental (HOFFMAN, 2014).

Especificamente em relação às IST, sabe-se que, além de mulheres

transexuais e travestis, usuários de drogas (além de drogas injetáveis) também são considerados população-chave no âmbito do HIV, sendo uma população com risco elevado de infecção pelo vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024). Entre as mulheres trans, pode existir um risco ainda maior devido às práticas de compartilhamento de agulhas ou equipamentos contaminados que são utilizados, além do uso de drogas, para a aplicação de silicone industrial ou para outros procedimentos de feminização, como a injeção de hormônios sem acompanhamento médico - prática comum principalmente entre as travestis (WALLACE, 2010). Além disso, outras substâncias ilícitas e álcool também estão associados à maior probabilidade de sexo anal desprotegido, seja com um parceiro fixo ou casual (OPERARIO, NEMOTO, IWAMOTO, 2011). Uma das hipóteses para explicar este comportamento é que o uso de drogas tem efeitos que diminuem as inibições do indivíduo, podendo levar a comportamentos sexuais de maior risco, como sexo com múltiplos parceiros e uso inconsistente de preservativos (HOFFMAN, 2014)

Já em relação à prática de sexo comercial, a literatura mostra que esse tipo de trabalho é comum entre mulheres transexuais e travestis, com uma prevalência que pode variar entre 24% a 75%, segundo uma revisão sistemática com estudos dos Estados Unidos (HERBST, 2008). Essa população acaba se envolvendo no trabalho sexual muitas vezes como única forma de sobrevivência financeira diante da discriminação, que muitas vezes ocorre dentro de casa na juventude, quando são rejeitadas pela família. Além disso, considerando as altas taxas de desemprego e baixa renda para muitas mulheres transexuais e travestis, o trabalho sexual é frequentemente uma necessidade econômica (HOFFMAN, 2014). Nesse frequente cenário de rejeição e vulnerabilidade, o sexo comercial também surge como uma forma de essas mulheres se sentirem sexualmente desejadas (BITH-MELANDER et al., 2010).

Estudos que exploram a relação entre o trabalho sexual e o uso de substâncias psicoativas também demonstram que mulheres transexuais possuem maior probabilidade de se envolver em sexo enquanto estão sob efeito de álcool ou drogas (OPERARIO et al., 2005). Esse uso de substâncias também pode ser motivado como forma de anestesiar as situações de abuso e vulnerabilidade que costumam ser recorrentes no âmbito do sexo comercial, enquanto ainda existem estudos que



mostram que o trabalho sexual é mecanismo para pagar pelo uso de drogas (BITH-MELANDER et al., 2010).

Estudos qualitativos com mulheres transexuais também demonstram que é comum situações em que clientes pagam mais para usar substâncias junto com as trabalhadoras sexuais (BUDHWAN, 2021; HOFFMAN, 2014). Um estudo com 397 mulheres trans profissionais do sexo demonstrou que, antes do sexo comercial, aproximadamente um terço da amostra relatou uso exclusivo de álcool (28,5%), enquanto 9,3% relatou uso exclusivo de substâncias ilícitas e 7,3% relatou o uso combinado de álcool e drogas (WANG, 2020). Além das relações sexuais com parceiros casuais, o uso de substâncias durante o trabalho sexual também pode aumentar o risco de mulheres transexuais e travestis de não usarem preservativos de forma consistente, uma vez que o abuso de substâncias pode prejudicar a negociação do uso de preservativos e aumentar o risco de violência física e sexual (HOFFMAN, 2014).

Além disso, em determinadas situações, mulheres transexuais e travestis recorrem ao uso de substâncias como uma forma de enfrentar problemas de saúde mental e estresse, o que pode, por sua vez, exacerbar esses problemas (HOFFMAN, 2014). Em relação a questões relacionadas à saúde mental, por exemplo, a literatura mostra indícios de uma maior prevalência de insatisfação com a imagem corporal e transtornos alimentares entre as mulheres transexuais em comparação com mulheres cisgênero (VOCKS, 2009). Elas também apresentam taxas de tentativas de suicídio mais altas que a população geral e até mesmo dentro da comunidade LGBT (NEWCOMB, 2020). Também existe uma associação entre histórico de uso abusivo de substâncias e tentativas de suicídio nessa população (HOFFMAN, 2014).

Embora existam poucos estudos sobre mulheres trans e *chemsex*, em comparação às investigações associadas à população de HSH, alguns estudos demonstram uma situação alarmante para elas. Um estudo realizado nos Estados Unidos indicou que aproximadamente metade das mulheres transexuais se envolve em atividades sexuais sob a influência de drogas ou álcool (XAVIER et al., 2005). Já outro estudo que foi realizado no Brasil indica que a chance de uso de substâncias antes ou durante o sexo é mais que o dobro entre as mulheres trans em comparação com a população de HSH (OR = 2,44, IC 95% 1,75 - 3,39) (JALI et al., 2022). Dados

de outro estudo peruano que comparou mulheres transexuais e HSH apresentou resultados semelhantes: entre as 310 mulheres trans e 2807 HSH analisados, elas apresentaram maior probabilidade de fazer sexo sob efeito de álcool (aPR 1.15, 95% IC: 1.01 to 1.31) ou drogas (aPR 2.24, 95% IC: 1.47 to 3.41) (Long et al., 2019).

Especificamente em relação à prática de sexo desprotegido, dados de uma pesquisa nos EUA indicam que o uso de maconha ao longo da vida (ORa: 0,45), o uso de cocaína (ORa: 0,46), o uso de opióides (ORa: 0,52) e o uso de substâncias injetáveis (ORa: 0,45) foram todos associados a menores chances de relatar o uso de preservativo durante a última relação anal receptiva (SCHLISSEL, 2022). Outro estudo nos EUA, envolvendo HSH e mulheres trans, também demonstrou que o uso de múltiplas substâncias estava associado a maiores chances de uso inconsistente de preservativos (Schlissel, 2022). De maneira semelhante, um estudo canadense com a população geral revelou que a identidade LGBTQ+ e o uso de álcool/drogas estavam associados a uma menor probabilidade de uso de preservativos (Logie, et al., 2018).

Em Camboja, mulheres trans que relataram relações sexuais durante ou após o uso de drogas apresentaram quase três vezes mais chances de serem HIV positivas (ORa = 2,90, 95% 1,09-7,73) (Weissman et al., 2016). Na Indonésia, um estudo com mulheres trans e HSH mostrou que aquelas que relataram usar drogas com seus parceiros sexuais antes do sexo eram menos propensas a relatar o uso de preservativos (OR = 0,25, 95% CI = 0,12-0,53).

Além do uso de drogas, outro fator associado ao menor uso de preservativos na vida pode ser o histórico de abuso sexual na infância ou na idade adulta (Safika, 2014). De acordo com Magalhães et al. (2024), o histórico de violência sexual pode estar associado a uma maior prevalência de uso geral de drogas como um mecanismo para lidar com o trauma entre mulheres trans. Quando o uso de substâncias está especificamente relacionado à atividade sexual, essa relação faz ainda mais sentido, já que o uso de substâncias pode funcionar como uma válvula de escape (SANTOS et al., 2013; HOFFMANN, 2014).

Rew et al. (2001) discute que diversos estudos mostram que o abuso sexual é mais comum entre mulheres cisgênero do que entre homens cisgênero. Já outro estudo realizado nos EUA demonstrou que mulheres e homens de minorias sexuais são mais propensos a relatar abuso sexual em comparação com seus equivalentes

heterossexuais (MCCABE, 2022). Para minorias de gênero, como mulheres transexuais e travestis, fatores de risco mais prevalentes nessa população, como o histórico de trabalho sexual comercial, podem aumentar ainda mais a probabilidade de abuso sexual e seus desfechos negativos para a saúde (MILNER, 2019). No entanto, esse tema parece também ser ainda menos explorado em amostras de população trans. Em estudos com mulheres cisgênero, evidências demonstram em desenhos transversais (KENDLER, 2000) FERGUSON, 1996), e longitudinais (FERGUSON et al., 2013) que o abuso sexual durante a infância ou na vida adulta, está associado com desfechos negativos em saúde mental e também no maior consumo ou dependência de drogas ilícitas e álcool.

Budhwani et al. (2017) constata em seu estudo realizado na República Dominicana que mulheres transexuais que sofreram abuso sexual apresentavam três vezes mais chances de usar cocaína. Também foi relatado que usuárias de drogas eram mais propensas a terem sofrido abuso sexual e a possuírem histórico de tentativa de suicídio ( $p < 0,05$  para ambos). Além disso, quem tentou suicídio apresentou maior chance de uso geral de drogas e uso específico de maconha, em comparação com os respondentes que não tentaram suicídio (OR=2,665 e 3,168, respectivamente). Em um estudo também com mulheres trans desenvolvido no estado de Goiás, o histórico de violência sexual esteve associada ao uso de cocaína/crack (ORa: 2,84). Neste estudo nacional, 48,2% das participantes relataram ter sofrido violência sexual.

Apesar desse todo esse cenário, há uma notável escassez de estudos que avaliem o uso de substâncias entre mulheres transexuais e travestis, em comparação com o número de estudos envolvendo HSH, mesmo com as evidências indicando que as mulheres trans apresentam uma maior prevalência de HIV/IST do que os HSH e apresentam alta prevalência de uso de substâncias (BARAL, 2013). Goldsmith (2019) também destaca a negligência das mulheres trans na literatura, mesmo sendo uma prioridade para o campo dos estudos que abordam o *chemsex*.

Além disso, o próprio tema do uso de substâncias psicoativas entre mulheres transexuais e travestis apresenta limitações importantes na literatura. Estima-se uma alta prevalência de uso de substâncias entre essa população em comparação com pessoas cisgênero, porém são escassas as evidências e as formas de amostragem dos

estudos, muitas vezes agrupando homens e mulheres transexuais com categorias de minorias sexuais, dificultando a estimação precisa da prevalência de uso de drogas e da investigação dos riscos relacionados ao uso de substâncias nessa população (CONOLLY, 2020).

Nesse sentido, o presente estudo contribui com a discussão sobre o tema pouco explorado e busca melhor compreender e atender às necessidades específicas de saúde e vulnerabilidades de mulheres trans, especificamente relacionadas à prática comum de uso de substâncias antes ou durante o sexo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Avila, M. M., dos Ramos Farias, M. S., Fazzi, L., Romero, M., Reynaga, E., Marone, R., & Pando, M. A. (2017). High Frequency of Illegal Drug Use Influences Condom Use Among Female Transgender Sex Workers in Argentina: Impact on HIV and Syphilis Infections. *AIDS and Behavior*, 21(7), 2059–2068. doi:10.1007/s10461-017-1766-x

Baral SD, Poteat T, Strömdahl S, Wirtz AL, Guadamuz TE, Beyrer C. Worldwide burden of HIV in transgender women: a systematic review and meta-analysis. *Lancet Infect Dis*. 2013 Mar;13(3):214-22. doi: 10.1016/S1473-3099(12)70315-8. Epub 2012 Dec 21. PMID: 23260128.

Bastos FIPM, et al. (Org.). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT; 2017. 528 p.

Bith-Melander P, Sheoran B, Sheth L, Bermudez C, Drone J, Wood W, et al. Understanding sociocultural and psychological factors affecting transgender people of color in San Francisco. *J Assoc Nurses AIDS Care*. 2010;21(3):207–220.

Bourdieu, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.

Budhwani H, Hearld KR, Butame SA, Naar S, Tapia L, Paulino-Ramírez R. Transgender Women in Dominican Republic: HIV, Stigma, Substances, and Sex Work. *AIDS Patient Care STDS*. 2021 Dec;35(12):488-494. doi: 10.1089/apc.2021.0127. PMID: 34762515; PMCID: PMC8817706.

Butler JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.

Carvalho M, Carrara S. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sex, Salud Soc (Rio J)* [Internet].

2013Aug;(14):319–51.

Available

from:

<https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>

Clements-Nolle, K., Marx, R., & Katz, M. (2006). Attempted suicide among transgender persons: The influence of gender-based discrimination and victimization. *Journal of Homosexuality*, 51(3), 53–69.

Connolly D, Gilchrist G. Prevalence and correlates of substance use among transgender adults: A systematic review. *Addict Behav.* 2020 Dec;111:106544. doi: 10.1016/j.addbeh.2020.106544. Epub 2020 Jul 9. PMID: 32717497.

De Santis JP. HIV Infection Risk Factors Among Male-to-Female Transgender Persons: A Review of the Literature. *J Assoc Nurses AIDS Care.* 2009;20(5):362–372. doi: 10.1016/j.jana.2009.06.005.

Edmundson C, Heinsbroek E, Glass R, Hope V, Mohammed H, Desai M. Sexualised drug use in the United Kingdom (UK): A review of the literature. *Int J Drug Policy.* 2018;55:131–148. doi: 10.1016/j.drugpo.2018.02.002.

Fergusson DM, Horwood LJ, Lynskey MT. Childhood sexual abuse and psychiatric disorder in young adulthood: II. Psychiatric outcomes of childhood sexual abuse. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.* 1996;35(10):1365-1374.

Fergusson DM, McLeod GF, Horwood LJ. Childhood sexual abuse and adult developmental outcomes: findings from a 30-year longitudinal study in New Zealand. *Child Abuse Negl.* 2013 Sep;37(9):664-674. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.03.013. Epub 2013 Apr 25. PMID: 23623446.

Grossi MP. Identidade de Gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão.* Florianópolis; 1998. p. 1-18.

Hibbert MP, et al. Psychosocial and sexual characteristics associated with sexualised drug use and Chemsex among men who have sex with men (MSM) in the UK. *Sex Transm Infect.* 2019;95:342–350.

Hibbert MP, Hillis A, Brett CE, Porcellato LA, Hope VD. A narrative systematic review of sexualised drug use and sexual health outcomes among LGBT people. *Int J Drug Policy.* 2021 Jul;93:103187. doi: 10.1016/j.drugpo.2021.103187. Epub 2021 Mar 24. PMID: 33771421.

Herbst, J.H., Jacobs, E.D., Finlayson, T.J. et al. Estimating HIV Prevalence and Risk Behaviors of Transgender Persons in the United States: A Systematic Review. *AIDS Behav* 12, 1–17 (2008). <https://doi.org/10.1007/s10461-007-9299-3>

Hoffman BR. The interaction of drug use, sex work, and HIV among transgender women. *Subst Use Misuse.* 2014 Jun;49(8):1049-53. doi: 10.3109/10826084.2013.855787. PMID: 24779504.

Hughto JMW, Quinn EK, Dunbar MS, Rose AJ, Shireman TI, Jasuja GK. Prevalence and Co-occurrence of Alcohol, Nicotine, and Other Substance Use Disorder Diagnoses Among US Transgender and Cisgender Adults. *JAMA Netw Open.* 2021 Feb 1;4(2)  
. doi: 10.1001/jamanetworkopen.2020.36512. Erratum in: *JAMA Netw Open.* 2021 Mar 1;4(3)  
. PMID: 33538824; PMCID: PMC7862992.

Jalil EM, et al. High Rates of Sexualized Drug Use or Chemsex among Brazilian Transgender Women and Young Sexual and Gender Minorities. *Int J Environ Res Public Health.* 2022 Feb 2;19(3):1704. doi: 10.3390/ijerph19031704. PMID: 35162728; PMCID: PMC8835457.

Kendler KS, Bulik CM, Silberg J, Hettema JM, Myers J, Prescott CA. Childhood sexual abuse and adult psychiatric and substance use disorders in women: an

epidemiological and cotwin control analysis. *Arch Gen Psychiatry*. 2000 Oct;57(10):953-959. doi: 10.1001/archpsyc.57.10.953. PMID: 11015813.

Krieger N. *Epidemiology and the People's Health: Theory and Context*. Oxford: Oxford University Press; 2011. 400 p. ISBN 978-0-19-538387-4.

Leigh BC, Stall R. Substance use and risky sexual behavior for exposure to HIV: Issues in methodology, interpretation, and prevention. *Am Psychol*. 1993;48(10):1035–1045. doi: 10.1037/0003-066X.48.10.1035.

Logie CH, Lys CL, Fujioka J, MacNeill N, Mackay K, Yasseen III AS. Sexual practices and condom use among a sample of Northern and Indigenous adolescents in Northern Canada: cross-sectional survey results. *BMJ Sex Reprod Health*. 2018 Dec 27;45(2):147-154. doi: 10.1136/bmjsexrh-2018-200174. Epub ahead of print. PMID: 30591551; PMCID: PMC6579555.

Long JE, Montaña M, Cabello R, Sanchez H, Lama JR, Duerr A. Brief Report: Comparing Sexual Risk Behavior in a High-Risk Group of Men Who Have Sex With Men and Transgender Women in Lima, Peru. *J Acquir Immune Defic Syndr*. 2019 Apr 15;80(5):522-526. doi: 10.1097/QAI.0000000000001966. PMID: 30664074; PMCID: PMC6416055.

Magalhães LS, Dos Santos KC, Diniz E Silva BV, da Silva Filho GF, da Costa E Silva GR, Guimarães RA, Pillon SC, Caetano KAA, Martins RMB, Carneiro MADS, Cook RL, Teles SA. Cocaine/crack and cannabis use among transgender women in Goiás, Central Brazil. *PLoS One*. 2024 Jun 6;19(6)  
. doi: 10.1371/journal.pone.0304219. PMID: 38843195; PMCID: PMC11156409.

Martins TA, Kerr LR, Macena RH, Mota RS, Carneiro KL, Gondim RC, Kendall C. Travestis, an unexplored population at risk of HIV in a large metropolis of northeast Brazil: a respondent-driven sampling survey. *AIDS Care*. 2013;25(5):606-12. doi: 10.1080/09540121.2012.726342. PMID: 23082818.



McCabe SE, Hughes TL, Beal S, Evans-Polce RJ, Kcomt L, Engstrom C, West BT, Veliz P, Leary K, McCabe VV, Boyd CJ. Sexual orientation differences in childhood sexual abuse, suicide attempts, and DSM-5 alcohol, tobacco, other drug use, and mental health disorders in the US. *Child Abuse Negl.* 2022 Jan;123:105377. doi: 10.1016/j.chiabu.2021.105377. Epub 2021 Nov 10. PMID: 34773839; PMCID: PMC9110097.

Milner AN, Hearld KR, Abreau N, Budhwani H, Mayra Rodriguez-Lauzurique R, Paulino-Ramirez R. Sex work, social support, and stigma: Experiences of transgender women in the Dominican Republic. *Int J Transgend.* 2019 Apr 23;20(4):403-412. doi: 10.1080/15532739.2019.1596862. PMID: 32999625; PMCID: PMC6913634.

Ministério da Saúde. O que é população-chave para o HIV? FAQ - Perguntas Frequentes. <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/faq/o-que-e-populacao-chave-para-o-hiv>. Publicado. Acessado em 02 de fevereiro de 2024.

Newcomb ME, Hill R, Buehler K, Ryan DT, Whitton SW, Mustanski B. High Burden of Mental Health Problems, Substance Use, Violence, and Related Psychosocial Factors in Transgender, Non-Binary, and Gender Diverse Youth and Young Adults. *Arch Sex Behav.* 2020 Feb;49(2):645-659. doi: 10.1007/s10508-019-01533-9. PMID: 31485801; PMCID: PMC7018588.

Oliveira MB de, Grossi MP. A invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico. *Rev Estud Fem* [Internet]. 2014 May;22(2):699–701. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000200025>.

Operario D, Nemoto T, Iwamoto M. Unprotected sexual behavior and HIV risk in the context of primary partnerships for transgender women. *AIDS Behav.* 2011;15:674–682.

Parkes, A., Wight, D., Henderson, M., & Hart, G. (2007). Explaining Associations between Adolescent Substance Use and Condom Use. *Journal of Adolescent Health*, 40(2), 180.e1–180.e18. doi:10.1016/j.jadohealth.2006.09.

Piersiala K, Krajewski J, Dadej D, Loroach A, Czerniak W, Rozpłochowski B, Kierepa A, Mozer-Lisewska I. Correlates of inconsistent condom use and drug use among men having sex with men in Poland: a cross-sectional study. *Int J STD AIDS*. 2020 Aug;31(9):894-902. doi: 10.1177/0956462420929136. PMID: 32702284; PMCID: PMC7750669.

Reis, A., Sperandei, S., de Carvalho, P.G.C. et al. A cross-sectional study of mental health and suicidality among trans women in São Paulo, Brazil. *BMC Psychiatry* 21, 557 (2021). <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03557-9>

Rew L, Taylor-Seehafer M, Fitzgerald ML. Sexual abuse, alcohol and other drug use, and suicidal behaviors in homeless adolescents. *Issues Compr Pediatr Nurs*. 2001 Oct-Dec;24(4):225-240. doi: 10.1080/014608601753260326. PMID: 11769208.

Safika I, Johnson TP, Cho YI, Praptoraharjo I. Condom Use Among Men Who Have Sex With Men and Male-to-Female Transgenders in Jakarta, Indonesia. *Am J Mens Health*. 2014 Jul;8(4):278-288. doi: 10.1177/1557988313508430. Epub 2013 Nov 7. PMID: 24203992.

Santos GM, Coffin PO, Das M, Matheson T, DeMicco E, Raiford JL, Vittinghoff E, Dilley JW, Colfax G, Herbst JH. Dose-response associations between number and frequency of substance use and high-risk sexual behaviors among HIV-negative substance-using men who have sex with men (SUMSM) in San Francisco. *J Acquir Immune Defic Syndr*. 2013 Aug 1;63(4):540-544. doi: 10.1097/QAI.0b013e318293f10b. PMID: 23572012; PMCID: PMC4671496.

Sausa LA, Keatley J, Operario D. Perceived risks and benefits of sex work among transgender women of color in San Francisco. *Arch Sex Behav*. 2007;36:768–777.

Schlissel AC, Carpenter R, Avripas S, Heim Viox M, Johns MM, Harper C, Michaels S, Dunville R. Substance Misuse and Condomless Sex Among Transgender Youth. *Transgend Health*. 2022 Aug 1;7(4):314-322. doi: 10.1089/trgh.2020.0115. PMID: 36033216; PMCID: PMC9398472.

Schmidt AJ, et al. Illicit drug use among gay and bisexual men in 44 cities: Findings from the European MSM Internet Survey (EMIS). *Int J Drug Policy*. 2016;38:4–12. doi: 10.1016/j.drugpo.2016.09.007.

Scott, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 1995 Jul-Dez;20(2):71-99.

Stoller R. *Recherches sur l'Identité Sexuelle*. Paris: Gallimard; 1978.

Vocks S, Stahn C, Loenser K, Legenbauer T. Eating and body image disturbances in male-to-female and female-to-male transsexuals. *Arch Sex Behav*. 2009;38:364-377.

Wallace PM. Finding self: A qualitative study of transgender, transitioning, and adulterated silicone. *Health Education Journal*. 2010;69(4):439-446.

Wang Q, Chang R, Wang Y, Jiang X, Zhang S, Shen Q, Wang Z, Ma T, Lau JTF, Cai Y. Correlates of alcohol and illicit drug use before commercial sex among transgender women with a history of sex work in China. *Sex Health*. 2020 Feb;17(1):45-52. doi: 10.1071/SH18194. PMID: 31821780.

Weatherburn P, et al. Motivations and values associated with combining sex and illicit drugs ('chemsex') among gay men in South London: findings from a qualitative study. *Sex Transm Infect*. 2017;93:203-206.

Weissman A, Ngak S, Srean C, Sansothy N, Mills S, Ferradini L. HIV Prevalence and Risks Associated with HIV Infection among Transgender Individuals in Cambodia. *PLoS One*. 2016 Apr 12;11(4)

. doi: 10.1371/journal.pone.0152906. PMID: 27070152; PMCID: PMC4829243.

Wilson EC, Garofalo R, Harris RD, Herrick A, Martinez M, Martinez J, et al. Transgender female youth and sex work: HIV risk and a comparison of life factors related to engagement in sex work. *AIDS Behav*. 2009;13:902–913.

Xavier JM, Bobbin M, Singer B, Budd E. A needs assessment of transgender people of color living in Washington, D.C. *Int J Transgenderism*. 2005;8(2–3):31–47.

## **OBJETIVOS**

### **1. Objetivos**

#### **Objetivo Geral**

- Investigar o uso de maconha, crack e cocaína antes ou durante o sexo entre mulheres trans e travestis no Brasil

#### **Objetivos Específicos**

- Investigar a associação entre o uso de substâncias e o uso inconsistente de preservativo entre parceiros casuais;
- Analisar a relação do uso de substâncias e o histórico de abuso sexual na vida;
- Identificar o perfil de uso de substâncias de mulheres transexuais e travestis no Brasil;
- Explorar fatores sociocomportamentais associados ao uso de substâncias antes e durante o sexo entre mulheres transexuais.

## METODOLOGIA

Para a construção dessa tese de doutorado, além da revisão da literatura apresentada, também foram construídos dois artigos científicos. Os dados dos artigos foram coletados do estudo TransOdara, realizado entre 2019 e 2021 em capitais das cinco regiões do Brasil: São Paulo (SP - Sudeste), Campo Grande (MS - Centro-Oeste), Manaus (AM - Norte), Porto Alegre (RS - Sul) e Salvador (BA - Nordeste). Este estudo, de delineamento transversal, adotou abordagens quantitativas e qualitativas, buscando estimar a prevalência de sífilis e outras IST entre mulheres transexuais e travestis no país. Como critério para participação na pesquisa, as participantes recrutadas deveriam possuir idade igual ou superior a 18 anos e terem sido designadas como pertencentes ao sexo masculino ao nascimento, mas sem se identificar como homem.

Para a seleção da amostra, foi utilizada a técnica Respondent Driven-Sampling (RDS), na qual "sementes" foram escolhidas para iniciar as redes do estudo. "Semente" é a participante inicial selecionada para começar o recrutamento de outras participantes para o estudo. As sementes convidam outros participantes, que por sua vez convidam mais pessoas, criando uma rede de recrutamento. Esse método é usado em pesquisas com grupos difíceis de alcançar e ajuda a garantir uma amostra diversificada e representativa. Cada participante do estudo poderia convidar até cinco pessoas para participar da pesquisa.

Os indivíduos convidados responderam a um questionário abordando aspectos sociodemográficos, questões relacionadas à discriminação, uso de substâncias, acesso a serviços de saúde, comportamento sexual, entre outros temas. Além disso, foram submetidos a testes para detecção de HIV, sífilis, hepatites B e C, e forneceram amostras biológicas para análise de outras ISTs, como HPV, clamídia e gonorreia. O estudo contou com tamanho amostral de 1.317 TWT e a coleta de dados ocorreu entre 2019 e 2021 em todo o país.

Para o primeiro artigo, cujo objetivo foi investigar a associação entre o uso de substâncias antes ou durante e o uso de preservativo com parceiros casuais entre mulheres transexuais e travestis, construiu-se as variáveis "uso de substâncias", considerando a frequência auto-relatada de uso de maconha, cocaína e crack pelas

participantes no último ano. Se a participante relatou nunca ter usado a droga no último ano, ela era considerada não usuária. Por outro lado, se ela relatou ter feito uso da substância no último ano, era considerada usuária. Além disso, quando a participante relatava ter utilizado alguma substância no último ano, a mesma também era questionada se “Nos últimos 12 meses, você usou alguma dessas substâncias antes ou durante o sexo?”

Já o desfecho "uso inconsistente de preservativo" foi construído com base na frequência auto-relatada de uso de preservativos entre parceiros sexuais casuais nos últimos seis meses e no uso de preservativos no último encontro sexual casual antes da aplicação do questionário. As perguntas que mensuraram essas variáveis foram: “Com que frequência você utilizou camisinha quando fez sexo vaginal com seu último parceiro(a) casual?”, “Com que frequência você utilizou camisinha quando fez sexo anal receptivo/passivo com este(a) parceiro(a) CASUAL?”, “Com que frequência você utilizou camisinha quando fez sexo anal insertivo/ativo com este(a) parceiro(a) CASUAL?” e “Agora tente se lembrar da última vez em que você fez sexo com este(a) último(a) parceiro(a) CASUAL, independente do tipo de relação sexual. Vocês usaram camisinha nesta última relação sexual?”. O uso consistente de preservativos foi considerado quando a participante relatou sempre usar preservativo, incluindo no último encontro sexual.

Para avaliar a associação entre o uso de substâncias antes e durante o sexo e o desfecho de uso inconsistente de preservativos, foi utilizado modelo de regressão de Poisson com variância robusta. O objetivo da análise foi avaliar o uso de três tipos de substâncias separadamente: maconha, cocaína e crack. Inicialmente, o uso de cada uma dessas substâncias foi avaliado considerando a frequência de uso nos últimos 12 meses, comparando usuários e não usuários.

Adicionalmente, foram construídos mais três modelos, também avaliando as mesmas substâncias, mas considerando o uso antes ou durante o sexo, comparando as participantes que relataram usar substância antes ou durante o sexo nos últimos 12 meses com o restante da amostra.

Já o segundo artigo dessa tese de doutorado objetiva investigar a associação entre o histórico de abuso ou tentativa de abuso sexual ao longo da vida e a prática de

uso de substâncias antes ou durante o sexo.

O histórico de abuso ou tentativa de abuso sexual, foi o principal fator de estudo do artigo. Para a construção dessa variável, foram consideradas como tendo histórico de abuso ou tentativa de abuso aquelas que responderam “sim” para a pergunta “Alguma vez na vida alguém forçou ou tentou fazer sexo com você contra a sua vontade?” ou que relataram sexo sem consentimento ao responderem à pergunta “A sua primeira relação sexual foi forçada ou consentida?”. Já para a construção da variável uso de substâncias antes ou durante o sexo, desfecho do estudo, considerou-se os casos em que as participantes relataram o uso de maconha, cocaína ou crack nas relações sexual nos últimos doze meses anteriores à aplicação do questionário.

Para estimar associação entre o histórico de abuso sexual e o uso de substâncias antes ou durante o sexo, utilizou-se modelo de regressão de Poisson com variância robusta em dois modelos: bruto e ajustado pelas variáveis escolaridade, raça/cor, histórico de sexo comercial e situação conjugal no momento da aplicação do questionário. Também foram realizadas análises descritivas da amostra explorando variáveis sociodemográficas e de comportamento, como: idade, raça/cor, escolaridade, situação conjugal, e histórico de sexo comercial.

Outros detalhes da metodologia dos artigos podem ser conferidos na próxima seção, onde ambos os manuscritos são apresentados na íntegra. Além disso, para detalhes da concepção e desenvolvimento do estudo TransOdara, bem como a aplicação da amostragem RDS, é possível conferir o artigo metodológico do estudo, publicado em 2024<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Veras MASM, Pinheiro TF, Galan L, et al. TransOdara: o desafio de integrar métodos, contextos e procedimentos durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Rev Bras Epidemiol.* 2024; 27(Suppl 1): e240002.supl.1. <https://doi.org/10.1590/1980-549720240002.supl.1.2>



## CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada nessa tese de doutorado centrou-se no estudo do uso de substâncias antes ou durante o sexo entre mulheres trans - um tema importante para a compreensão dos fatores de risco associados às práticas sexuais e à saúde sexual dessa população. A partir da revisão da literatura, verificou-se que mulheres trans e travestis, apesar das diferenças históricas na construção de suas identidades, enfrentam desfechos de saúde negativos de maior magnitude em comparação com a população geral e até mesmo com outras minorias sexuais e de gênero.

Esta disparidade também é observada quando discutimos o *chemsex*, ou simplesmente o uso de substâncias antes ou durante o sexo, uma vez que a prática é mais comum entre essa população em comparação à população geral. No entanto, a literatura existente aborda essa temática de forma limitada nos poucos estudos com amostras de mulheres trans, muitas vezes agrupando-as com homens que fazem sexo com homens nas análises.

Os resultados dos artigos desta tese permitiram uma discussão mais aprofundada sobre o uso de substâncias antes ou durante o sexo nesta população, explorando a associação entre essa prática, com o uso inconsistente de preservativos e histórico de abuso ou tentativa de abuso sexual. Além disso, o trabalho também procurou discutir a respeito da forma mais adequada para avaliar o uso de substâncias no sexo em uma perspectiva de estudos que investigam desfechos de saúde sexual, indicando que, em pesquisas futuras sobre o tema, é importante considerar o uso de substâncias antes ou durante o sexo além do uso de substâncias de forma geral.

Estes resultados são essenciais para ampliar o conhecimento sobre a relação

entre saúde sexual e uso de substâncias entre mulheres trans. Eles destacam os desafios enfrentados por essa comunidade, incluindo vulnerabilidades e experiências de discriminação, que podem estar associados a maior prevalência de uso de substâncias antes ou durante o sexo. Recomenda-se que investigações futuras se aprofundem mais sobre o tema, levando em consideração as particularidades dessa população, já que a literatura tem se centrado predominantemente em investigar o uso de substâncias antes ou durante o sexo entre homens gays, grupo que apresenta experiências de discriminação e estigma diferentes das mulheres trans e travestis. Com mais evidências, podem ser desenvolvidas intervenções e políticas de saúde que atendam às necessidades específicas das mulheres trans, bem como compreender melhor os padrões de *chemsex* e seus desfechos associados. Com isso, podem ser fortalecidas estratégias baseadas em práticas de redução de danos, visando combater as iniquidades em saúde enfrentadas por essa população.

## **ANEXOS**

- a. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL -  
PROPESQ UFRGS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ESTUDO DE PREVALÊNCIA DA SÍFILIS E OUTRAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE TRAVESTIS E MULHERES TRANSEXUAIS NO BRASIL: CUIDADO E PREVENÇÃO

**Pesquisador:** Maria Amelia de Sousa Mascena Veras

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 05585518.7.3005.5347

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Patrocinador Principal:** ORGANIZACAO PAN-AMERICANA DA SAUDE/ORGANIZACAO MUNDIAL DA SAUDE - OPAS/OMS  
Ministério da Saúde

**DADOS DA NOTIFICAÇÃO**

**Tipo de Notificação:** Envio de Relatório Parcial

**Detalhe:**

**Justificativa:** Envio de Relatório Parcial do projeto.

**Data do Envio:** 18/03/2021

**Situação da Notificação:** Parecer Consubstanciado Emitido

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.618.334

**Apresentação da Notificação:**

Trata-se de apresentação de Relatório Parcial de Pesquisa.

**Objetivo da Notificação:**

Não se aplica.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

No Relatório não foram mencionados possíveis riscos sofridos pelos participantes, durante o processo de coleta de dados.

**Comentários e Considerações sobre a Notificação:**

O Relatório parcial traz informações completas a respeito do andamento do projeto e também das

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

**Bairro:** Farroupilha

**CEP:** 90.040-060

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-3738

**Fax:** (51)3308-4085

**E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL -  
PROPESQ UFRGS



Continuação do Parecer: 4.618.334

necessárias modificações realizadas (coleta de dados) em função da pandemia. Transcrevo abaixo a avaliação do processo apresentada no Relatório:

"A complexidade do projeto aumentou de modo exponencial com as restrições das medidas para tentar controlar a pandemia de COVID-19, que implementaram distanciamento físico e limitaram a circulação de pessoas. As medidas também incidiram sobre as unidades de saúde onde a pesquisa está sendo realizada, limitando o acesso aos casos emergenciais, como no caso do CRT/DST em SP, ou mesmo determinando o fechamento e interrupção completa das atividades, como por exemplo o CTA de Campo Grande. Deste modo, os campos tiveram ou que interromper suas atividades presenciais, como ocorreu em São Paulo e Salvador, ou suspender o início da fase quantitativa em Campo Grande, Manaus e Porto Alegre. Campo Grande e Manaus reiniciaram a fase quantitativa e tiveram que interromper novamente.

É ainda difícil de mensurar o impacto que a pandemia trará para a vida das participantes ou potenciais participantes da pesquisa. Foi possível detectar perda de contato devido à mudança, pessoas voltando para cidades de origem por não conseguirem sobreviver, perda da linha de telefone celular por falta de renda. A pandemia também afetou a vida de profissionais de saúde que atuam na pesquisa, não só pessoas que tiveram COVID-19, suspeita ou confirmada, pessoas que desenvolveram síndrome de Burnout, em função do trabalho fora da pesquisa e pessoas que não tiveram condições de retornar ao trabalho, com síndrome do pânico.

Foi necessário renegociar prazos e montante de recursos do convênio em dias de muitas incertezas sobre as possibilidades de prosseguir. Além disso, assegurar o acesso aos imunobiológicos que fazem parte do projeto: Vacinas para hepatite B, A e HPV, tem sido um desafio. Com mudanças na coordenação do PNI, os acordos anteriores precisaram ser retomados, e mesmo com apoio da direção e da coordenação de pesquisa do DDCI-MS, tivemos muita dificuldade em materializar vacinas em Salvador e em Campo Grande. Apenas no último mês obtivemos um documento do Programa Nacional de Imunização (PNI), autorizando as Coordenações de Imunização das secretarias de saúde locais a disponibilizarem os imunobiológicos."

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Relatório parcial em condições de aprovação.

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

**Bairro:** Farroupilha

**CEP:** 90.040-060

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-3738

**Fax:** (51)3308-4085

**E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL -  
PROPESQ UFRGS



Continuação do Parecer: 4.618.334

**Considerações Finais a critério do CEP:**

APROVADO

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Envio de Relatório Parcial	Relatorio_parcial_POA_18mar21.docx	18/03/2021 10:23:11	Maria Amelia de Sousa Mascena Veras	Postado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 29 de Março de 2021

---

**Assinado por:**  
**José Artur Bogo Chies**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 311 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

**Bairro:** Farroupilha

**CEP:** 90.040-060

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3308-3738

**Fax:** (51)3308-4085

**E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br